



O PAPEL DOS PARADIGMAS URBANOS NA RELAÇÃO DAS CIDADES COM SUAS ÁGUAS: Volta Redonda e seus rios, um paradigma urbano moderno a ser rompido

Renata Fortini de Lima¹

Resumo

O urbanismo é responsável pela inclusão de práticas e políticas públicas que, subordinadas ao seu tempo e à ética vigente, são capazes de promover alterações nos paradigmas urbanos. Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma breve análise histórica dos paradigmas urbanos no recorte temporal do final do século XVIII até os dias atuais e como esses pensamentos foram capazes de refletir no planejamento urbano proposto para a cidade de Volta Redonda em seu plano de ocupação da vila operária proposta por Attilio Correa Lima, bem como influenciam os dias atuais e as escolhas de planejamento ligada aos seus rios. Para tanto foram realizadas revisões bibliográficas sobre o tema para posterior correlação dos fatos históricos europeus e a cidade de Volta Redonda, para, posteriormente, indicar possíveis caminhos para uma sociedade que leve em consideração as matrizes de sustentabilidade e ambientalismo.

Palavras-chave: Paradigmas Urbanos. Rio Paraíba do Sul. Sustentabilidade

Introdução

O urbanismo, como um campo técnico multidisciplinar e acadêmico intrínseco às ciências humanas, com aportes políticos e sociais que se subordina às escolhas éticas e políticas de seu tempo (CHOAY, 1985) é considerado responsável pela inclusão das discussões teóricas nas práticas e políticas públicas propostas pelos governos. Essas políticas tendem a proporcionar pensamentos futuros com potencial para abertura a novos paradigmas quanto ao planejamento territorial e ambiental que vêm sendo adotados pelas cidades contemporâneas (NASPOLINI, 2009). Neste contexto, as práticas ambientais que envolvem as reflexões que possam tender a

¹ Especialista em BIM (PUC Minas), Docente do UGB-FERP



uma aproximação do homem ao meio natural a partir de seus corpos d'água precisam estar imbricadas nas práticas e políticas públicas.

Destarte, o presente trabalho objetiva realizar uma breve análise histórica do processo de pensamento urbano e seus paradigmas suscitados ao longo dos anos no recorte temporal do final do Século XVIII até os dias atuais de maneira globalizada e como influenciaram a cidade de Volta Redonda e sua relação com os principais corpos d'água que compõe o seu tecido urbano.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, para posterior identificação dos impactos na cidade de Volta Redonda a partir de fotografias e literaturas já produzidas sobre o tema.

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto a metodologia utilizada se deu a partir da revisão bibliográfica e fotográfica sobre os caminhos delineados pelo urbanismo, enquanto disciplina e campo de ação, a partir dos desafios históricos que remodelaram as cidades ao longo de sua existência até os dias atuais, realizando, posteriormente, a correlação destes paradigmas com as abordagens utilizadas na implantação do plano urbanístico de Atílio Corrêa Lima para a cidade de Volta Redonda até os dias atuais.

Resultados e Discussão

Antes do surgimento das cidades, a natureza era vista como sagrada e digna de respeito. Com o surgimento da civilização e a presença de águas doces, o homem adotou técnicas de agricultura e irrigação para fixação territorial. No entanto, com a chegada de dogmas religiosos e o avanço científico, o ser humano se tornou o centro do pensamento ocidental, acreditando ser capaz de dominar a natureza.

O urbanismo, como conhecemos hoje, emergiu no final do século XVIII e início do século XIX, com a primeira revolução industrial promovendo mudanças radicais



nas cidades europeias. Isso levou a um crescimento acelerado nas aglomerações urbanas, resultando em problemas de insalubridade, como epidemias de cólera e tifo. Nesse contexto, surgiu um primeiro paradigma urbano, onde o conceito higienista e as intervenções de Haussmann em Paris traduziram o pensamento racional e científico iluminista da época, impactando o urbanismo com medidas de controle sobre a aglomeração e a criação de infraestrutura básica, como sistema de esgoto, parques, cemitérios, escoamento de trânsito, controle social e canalização de rios (NASPOLINI, 2009).

No século XX, acentua-se a concentração populacional inclusive às margens dos rios, aumentando a população de risco ambiental e social (BAPTISTA E CARDOSO, 2013). Além do aumento populacional provocado pela melhoria de salubridade nas cidades europeias, o advento da Segunda Revolução Industrial com as propostas de indústrias químicas, elétricas, siderúrgicas e petroleiras, trouxe um poderio industrial com grandes plantas fabris rodeadas de bairros operários, impactando em modelos de deslocamento, expandindo os limites da cidade para além de seu próprio território. Os problemas oriundos dessa nova concepção de produção, transporte e educação, foram potencializados com a primeira guerra mundial. A partir das crises, oriundas desta nova concepção de sociedade, pensadores de linhas culturalistas e progressistas apresentam diversas matrizes de conhecimento, tendo maior ênfase o movimento moderno, intitulado progressista. Neste movimento, a apreciação pela máquina e a ideia de um novo homem multiplicado pela racionalidade, rapidez e economia que um motor poderia proporcionar trouxe um novo paradigma a humanidade: O paradigma modernista e da cidade funcional (NASPOLINI, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, o pensamento modernista foi questionado e surgiu o movimento pós-moderno na década de 1960, enfatizando a necessidade de organização em grupo, criação de vínculos sociais e valores culturais próprios. Isso levou a discussões centradas no pensamento culturalista e histórico, reconhecendo a necessidade de significados, responsabilidade social, escala humana e lugar fenomenológico.

Com os avanços tecnológicos e a urbanização de espaços rurais e comunidades carentes, são suscitados novos possíveis paradigmas a partir da década de 1980. Correntes ambientalistas e sustentáveis, reconhecem pela primeira vez que



os recursos naturais são finitos e que o mundo pode colapsar se a natureza continuar sendo dominada pelo homem. Napolini (2009) identifica duas matrizes atuais em resposta à crise ambiental e urbana: a matriz da sustentabilidade e do ambientalismo e a matriz da gestão estratégica.

Embora a matriz da sustentabilidade e do ambientalismo não tenha limites claramente definidos, é possível observar que as reflexões oriundas desse pensamento já podem ser constatadas ainda que timidamente em políticas públicas observadas a nível global.

A história urbana de Volta Redonda está enraizada no paradigma do urbanismo moderno do século XX, impulsionado pelo surgimento das indústrias e a valorização dos ideais industriais. Na década de 1940, o então presidente Getúlio Dornelles Vargas propôs mudanças sociais e econômicas, resultando na escolha de Volta Redonda como local para uma indústria siderúrgica, devido aos seus atributos geográficos e abundância de água. Isso levou à formação de uma nova sociedade.

Com a instalação da usina, surgiu a necessidade de construir um núcleo urbano. O arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima foi encarregado de desenvolver o plano urbanístico para essa nova sociedade urbana e industrial. Seu projeto seguiu o modelo urbanístico progressista da Cidade Industrial de Tony Garnier, definindo e hierarquizando o espaço entre moradia operária, comércio, serviços e lazer. No entanto, o projeto negligenciou o principal rio da cidade, o Rio Paraíba do Sul, e alterou o curso de seus afluentes. A dependência da população em relação à indústria para o fornecimento de água durou até 1980, quando o poder municipal assumiu a responsabilidade pelo atendimento das demandas dos cidadãos. Durante o período de crescimento econômico e a chegada de muitos migrantes, a cidade cresceu ao redor da siderúrgica, tornando-se dependente dela para sua identidade territorial.

O rio Paraíba e seus afluentes não tiveram protagonismo na cultura de Volta Redonda (MOREIRA, 2014), e conflitos surgiram devido aos impactos negativos da privatização da usina. Esses conflitos intensificaram-se com as discussões ambientais iniciadas pela ECO 92. Os afluentes do Rio Paraíba do Sul sofreram consequências de lançamentos de esgoto e alterações de curso, seguindo a lógica do domínio da natureza e as ideias racionalistas.



Atualmente, os debates sobre as consequências da relação desequilibrada entre a humanidade e o meio ambiente são frequentes. Novas formas de pensar o meio urbano estão emergindo, buscando uma cidade segura, resiliente e sustentável. A relação harmoniosa entre as cidades e seus rios é complexa e exige novos paradigmas, incluindo reflexões sobre a Nova Agenda Urbana – NAU 2023. A bioética e o “Princípio Responsabilidade” de Hans Jonas são vistos como caminhos para superar os valores antropocêntricos da sociedade urbana ocidental.

Considerações Finais

Para uma interação harmoniosa entre cidades e rios, é essencial atender a várias demandas sociais e ambientais, exigindo a adoção de novos paradigmas pela sociedade civil. A cidade de Volta Redonda, por exemplo, precisa romper com o paradigma moderno que a moldou e ainda persiste, abrindo caminho para novas perspectivas éticas que melhorem a relação humana com seu meio aquático e natural. A bioética e o Princípio da Responsabilidade de Hans Jonas podem ser caminhos para alcançar resultados positivos, contribuindo para que a relação humana com as águas urbanas se torne um elo de reaproximação do ser humano com o meio natural ao qual ele pertence.

Referências

BAPTISTA. M; CARDOSO A. **Rios e cidades: uma longa e sinuosa história**. rev. UFMG, BELO HORIZONTE, v. 20, n.2, p. 124-153, jul./dez. 2013

CHOAY, Françoise. **A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MOREIRA, Andréa Auad. **Paraíba do Sul: um rio, quatro cidades, um patrimônio socioambiental em questão**. Rio de Janeiro, 2014. 423 p. Tese (Doutorado em urbanismo) – Programa de pós-graduação em Urbanismo (PROURB), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.



NASPOLINI, Vicente. Paradigmas do Urbanismo: **A Contribuição de François Ascher**. Florianópolis, 2009. Dissertação (Mestrado em urbanismo, história e arquitetura da cidade), Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.